

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA ÁFRICA

Shirlei Gonçalves Corino

**TRADIÇÕES ORAIS EM CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: produção de material
didático utilizando contos africanos**

Juiz de Fora – MG
2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

CORINO, Shirlei Gonçalves.

TRADIÇÕES ORAIS EM CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS : produção de material didático utilizando contos africanos / Shirlei Gonçalves CORINO. – 2017.

59 p.

Orientador: Victor Martins de SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. , 2017.

1. Contos. 2. Tradição oral. 3. Ancestralidade. 4. Literatura africana. 5. História da África. I. SOUZA, Victor Martins de, orient. II. Título.

SHIRLEI GONÇALVES CORINO

TRADIÇÕES ORAIS EM CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: produção de material didático utilizando contos africanos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal de Juiz de Fora para a obtenção do título de Especialista em História da África, sob a orientação do Prof. Me. Victor Martins de Souza

Juiz de Fora – MG
2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, que sempre proporcionou grandes oportunidades em minha vida.

Aos meus pais e meus irmãos pelo apoio e amor, vocês são a base que sustenta meus sonhos e desperta a vontade de vencer. Em especial, a minha querida irmã Rosana, que me auxiliou e orientou durante o processo de escrita desse trabalho.

Ao meu marido João Paulo pela paciência e apoio sempre.

Aos meus amigos pelos gratos momentos em que estiveram presentes e por entenderem os muitos momentos em que eu estive ausente. Em especial a minha amiga de curso e de coração, Elaine, que não me deixou desistir dessa pesquisa. Sempre disposta a me ajudar com carinho e amizade.

Ao professor Victor Martins pela confiança em mim depositada.

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a concretização desta pesquisa.

As histórias podem alimentar nossa mente, levando-nos talvez não ao conhecimento de quem somos, mas ao menos à consciência de que existimos - uma consciência essencial, que se desenvolve pelo confronto com a voz alheia.[...] Poucos métodos são mais adequados a essa tarefa de percepção mútua do que a narração de histórias.

Alberto Mangué

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo abordar a tradição oral africana por meio dos contos, especificamente três narrativas provenientes da região da África do Oeste.

A escolha do gênero “conto” para legitimar a identidade africana deve-se ao fato de a literatura ser de forte relevância para construir, pelo simbolismo, representações culturais para o público infanto-juvenil. O conto é uma narrativa capaz de transcender o tempo e o espaço real, sem, no entanto, deixar de contribuir para a compreensão de questões internas ou externas ao ser humano.

Ao falar da tradição oral africana, faz-se necessário abordar sobre os agentes responsáveis pela manutenção dessa tradição, que são os Griots.

Palavras-chave: contos; tradição oral; ancestralidade; literatura africana; história da África.

ABSTRACT

The present work aims to address the oral African tradition through the tales, specifically three narratives from the West African region.

The choice of the "tale" genre - to legitimize African identity - is due to the fact of the great relevance literature has, building through the symbolism, cultural representations to the Child-juvenile public. The tale is a powerful and capable narrative that transcending time and real space, less, however, failing to contribute the understanding of internal or external issues to the human being.

According the African oral tradition, it is necessary approach the Griots, which are responsible agents for this tradition maintaining.

Keywords: Tale; oral tradition; ancestry; African literature; African history.



<http://mitosnobairrodapaz.blogspot.com.br/p/mitos-5.html>. Acesso em 27/12/2016.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO -----	9
2. GRIOTS: OS GUARDIÕES DA TRADIÇÃO ORAL -----	11
3. A LEI 10.639 E A DEMANDA POR TEMAS RELACIONADOS À HISTÓRIA AFRICANA -----	14
4. PRODUÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO-----	16
4.1 METODOLOGIA -----	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	35
PORTFÓLIO -----	38

1. Introdução

Pensar o conto de tradição oral como instrumento de trabalho na área da educação pode causar certa estranheza, já que vive-se em uma época em que a memória e os saberes tradicionais são cada vez mais silenciados, em prol da era das máquinas, dos computadores e das tecnologias. Assim, a habilidade do ouvir e de narrar histórias tem ficado, conseqüentemente, para trás. Mas, falar em memória, significa falar do encontro entre a memória e a tradição social efetuada pelo exercício da oralidade; significa também reavivar e atualizar a memória social de um povo, bem como abrir as vias de acesso a uma cultura versada em tradições orais, aqui apresentada por meio de contos. Nesse sentido, há que se trabalhar, no presente estudo, a transmissão de ensinamentos por intermédio da palavra falada, considerando os aspectos inerentes à tradição oral africana.

Ao trabalhar com tradições orais e com os respectivos contos africanos deve-se observar que há uma diferença notória entre escrita e oralidade, conforme observou o sábio do Mali, Amadou Hampâté Bá (2010, p.167).

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África.

Hampâté Bâ delimita bem a fronteira existente entre o saber oral e a escrita, o que permite afirmar que a oralidade não é a ausência de um saber ou de uma faculdade – neste caso a escrita –, mas sim uma opção por uma outra forma de mediação de valores, ou seja, a expressão oral. Nessa mesma linha argumentativa observa Jan Vansina (2010, p.139-140):

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar de elocução-chave, isto é, a tradição oral. [...] A palavra tem um poder misterioso, pois

palavras criam coisas. Isso, pelo menos, é o que prevalece na maioria das civilizações africanas.

A cultura africana, sobretudo na região Oeste, é uma cultura de tradição oral por excelência, em que é bastante valorizada a ancestralidade e a tradição. Nesse sentido, a narrativa oral é uma atividade assumida pelos griots, agentes responsáveis por guardar e transmitir a história dos reis e de seu povo. Ao contar histórias, fábulas, contos, poesias etc., eles assumem a função de educar e encorajar seu povo, preservando a memória, a consciência e o coração daqueles que os procuram.

2. Griots: os guardiões da tradição oral

As culturas de matrizes orais trabalham com um outro sistema de pensamento, que norteia a sua forma de inserir no mundo. Isso é bem presente nas culturas africanas, notadamente na região da África do Oeste, a organização da vida social a partir de uma “lógica oral”, em que a pedagogia, a espiritualidade, as leis e a memória social é veiculada por meio de uma tradição oral. Por isso, não é exagero dizer que as culturas africanas tradicionais são “culturas da palavra”.

Segundo djeli Toumani Kouyaté:

A palavra cria vínculos entre o orador e seu ouvinte. E se ela cria vínculos entre o orador e seu ouvinte, ninguém pode negar que seu poder opera no corpo e que as vibrações emitidas por ela podem provocar mudanças tanto físicas como mentais, principalmente por meio da fala sob forma de encantamento, juramento, oração, poesia, dança, canto sagrado, cura etc.

Assim, as histórias narradas pelos griots estão fundamentadas nessa “lógica oral”, em que há um dinamismo concreto da interação e há toda uma relação direta e ininterrupta entre voz, corpo, dança, gesto, música e poesia. Essa cultura da espetacularidade verbo-gestual é, sim, a maior responsável pela fixação dessas histórias na memória coletiva e vice-versa, ou seja, da constante atualização dessas histórias a partir também dessa mesma memória coletiva. (Celso Sisto, 2013)

Por meio da fala pode-se também ensinar. Segundo Amadou Hampaté Bâ:

Para a cultura de tradição oral, a educação baseia-se na formação do ser humano em sua totalidade, uma educação que visa o ser do homem, e não apenas o ter. Uma educação que visa a integração com outro, no qual incluem-se não somente o outro humano, mas o outro natureza promovendo uma simbiose de respeito e cuidado mútuo. Na tradição o indivíduo é importante e relevante desde que, o que ele pense, sinta e execute esteja também a serviço do outro, esteja compartilhado no ambiente coletivo da comunidade ao qual pertence. (2010, p. 209)

A oralidade é, para todas as sociedades africanas, a fonte de transmissão dos conhecimentos. Sendo a palavra um elemento de criação, ela é sagrada, cultuada e respeitada. Pertence ao preexistente, devendo ser utilizada cuidadosamente, pois seu uso indevido interfere nas relações do ser humano com a natureza. A palavra é elemento produtor da história e torna-se, nas sociedades tradicionais africanas, um elemento importante da prática política, pois é por intermédio dela que são decididos os impasses e tomadas as decisões nas discussões, que acontecem em lugar sagrado. (ROCHA, 2011).

Tal é a importância da palavra na África que existe um papel específico desempenhado pelos profissionais da tradição oral – os griots – pessoas que têm o ofício de guardar e ensinar a memória cultural na comunidade.

Estes são responsáveis por fazer a manutenção das tradições: contar as histórias passadas, passar ensinamentos e trazer as notícias de outros povos. Geralmente, utilizam-se da música, com o instrumento de corda chamado Kora¹, para encantar as histórias que cantam e contam. Os griots são também chamados de "guardiões da cultura oral africana".

Mais do que contador de histórias, o griot é um ser polivalente artisticamente: é poeta, trovador, músico, cantor, dançarino, mediador e conselheiro. É o guardião da memória e dos costumes, encarregado das grandes cerimônias tradicionais, como casamentos e funerais.

Apesar de encontrarmos vários tipos de griot, é na região da África do Oeste em que há a chamada *djelyia*, ou seja, uma “escola” de tradição oral de formação de griots e djelis. Essa formação fica a cargo da família Kouyaté. Estes fazem parte da linhagem de Djeelis. Mestre da palavra e das artes, os djeelis desempenham um papel vital na coesão social e conduzem sempre as grandes cerimônias tradicionais.

Os griots, os condutores do rito de ouvir, ver, imaginar, participar são os artesãos da palavra. Trabalham a palavra, burilam, dão forma, transformam-na em objeto artístico. Desde o século XIV já atuavam no Império do Mali², sendo responsáveis por transmitir fatos e lendas desse período às gerações futuras. (CELSO SISTO, 2012, p.271).

De acordo com o griot Sotigui Kouyaté “Ninguém se torna um griot nasce-se um griot. É de pai para filho”.

¹Kora é um instrumento musical formado por 21 cordas. Tem uma caixa de ressonância feita de cabaça. É amplamente utilizado por povos na África ocidental.

²Império do Mali foi um Estado que existiu na África Ocidental no período de 1230 a 1600 aproximadamente. O império do Mali foi descrito pelos viajantes árabes como um Estado rico e suntuoso durante o seu apogeu, e certamente foi um importante centro comercial.

Ainda segundo ele, pode haver outras pessoas de fora da África do Oeste fazendo as mesmas funções de um griot, mas só podem ser chamados de “griot” os que só são encontrados na África do Oeste.

São muitas as teorias para explicar a origem do termo Griot. A mais frequente é a que associa griot à palavra francesa guiriot. Seu uso aparece pela primeira vez por volta de 1637. Em português seria o equivalente a criado.

3. A Lei 10.639 e a demanda por temas relacionados à história africana

O interesse pelo tema relacionado à cultura africana e afro-brasileira tem crescido de forma gradativa. Essa mudança deve-se, dentre outros, a dois fatores: à promulgação da lei 10.639/2003, que obriga o ensino de África e cultura africana e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino público e privado, e à demanda social, considerando que mais de 50% da população do Brasil possui o africano como componente étnico.

A lei 10.639 promoveu uma mudança na LDB (Lei de Diretrizes e Bases, 1996), incluindo nas grades curriculares, das instituições de ensino básico, a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, além de dar outras providências, como incluir o dia 20 de novembro como "Dia Nacional da Consciência Negra". Propõe novas diretrizes para ressaltar e valorizar a presença africana na sociedade, além de ser um instrumento contra a discriminação e o preconceito racial.

De acordo com seu Artigo 26-A, § 1º, Deve-se incluir no conteúdo programático o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional.

Busca-se com a inclusão desse tema nos conteúdos escolares problematizar a cultura africana, além de trabalhar a autoestima dos alunos afrodescendentes, a partir de um conhecimento mais cuidadoso do passado africano, na esteira da diversidade étnico-racial. É possível, desta forma, permitir ao aluno uma maior consciência da contribuição que a África e a sua respectiva cultura teve na formação da humanidade e na formação da cultura brasileira.

Para regulamentar a implementação da Lei 10.639, em 2004 foi homologada a Resolução CNE/CP 001/2004 e o Parecer CNE/CP 003/2004 do Conselho Nacional de Educação. O parecer institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, tratando assim, da reorganização do currículo escolar afim de que ele contemple a história e cultura do povo negro. De acordo com o texto introdutório do documento, a finalidade principal do parecer é:

[...] oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade. Trata, ele, de política curricular, fundada em

dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros (BRASIL, 2004, p.10).

No entanto, apesar da existência de instrumentos legais já citados (a Lei 10.639, o Parecer do CNE 03/2004 e a Resolução 01/2004) que orientam as instituições educacionais quanto a suas atribuições, muito ainda tem que ser feito no âmbito da pesquisa e do ensino. É necessária a formação continuada dos professores, a elaboração de materiais adequados, entre outros.

Não se pode e nem deve-se estudar o continente africano apenas por obrigação porque a grade curricular cobra, deve-se estudá-lo para melhor conhecer a outra África, não aquela África contada e vista pelos olhos dos europeus, mas sim a África profunda, do passado problematizado, das tradições orais. Necessita-se de buscar compreender o que representa os valores africanos, suas filosofias, sua forma de se inserir no mundo, sua lógica de pensar. Nesse sentido, busca-se fazer com que nossos alunos sintam-se importante perante essa cultura tão riquíssima.

Existem diversas formas de trazer a cultura afro-brasileira para a escola. A literatura é uma delas. Contar e ouvir histórias constitui, tradicionalmente, uma prática que contribui para a percepção de mundo. O simbolismo da linguagem literária pode suscitar traços significativos de processos socioculturais, além de desenvolver, por parte dos discentes, a oralidade, a desconstrução de estereótipos e o fortalecimento da identidade.

4. Produção do material didático

O presente material didático proposto é direcionado para estudantes do 7º e 8º ano do Ensino Fundamental e tem como principal objetivo fazer com que os alunos conheçam um pouco mais sobre a cultura oral e a tradição dos griots em algumas regiões da África Ocidental.

Os contos analisados são recursos didáticos para serem utilizados pelos professores. O objetivo é que o professor conte as histórias para os alunos sem uso de material escrito. Ao contar essas narrativas é importante dialogar com os alunos. Por exemplo, no conto “desafio aos jovens”, o professor pode contar o desafio e perguntar aos alunos o que eles fariam para resolvê-lo.

Os discentes entrarão em contato com a tradição oral africana de modo a compreender os seus significados. É importante que eles percebam que em uma sociedade oral a fala não é vista apenas como uma forma de comunicação diária, mas também como um meio de preservação do conhecimento.

Na aula expositiva poderão ser usados recursos como um mapa da África, livros de contos africanos, imagens dos griots.

Sugiro que os estudantes façam previamente uma pesquisa individual sobre quem eram os griots, em que região do continente africano estavam presentes e o seu papel naquelas sociedades.

Os contos dos quais nos ocuparemos, neste trabalho, foram transmitidos oralmente, embora, um deles (“o coração do baobá”), hoje, encontre-se em forma escrita. Abaixo, sugiro alguns temas que poderão ser abordados a partir dos contos escolhidos. São eles:

Conto 1 – Desafio aos mais jovens

Possíveis temas: jovens e ancestralidade.

Objetivo: respeito aos mais velhos / a experiência / relação dos jovens com o passado.

Um rei muito rígido lança o desafio a toda a juventude de seu reino que consiste em sacrificar as pessoas mais velhas da comunidade. A comunidade inteira aceita o desafio, exceto um jovem que “esconde”, no porão de sua casa, o seu avô.

O rei, no decorrer dos dias, lança novos desafios aos jovens, que, sob orientação do avô sobrevivente ao “gerontocídio”³, suplantam tais desafios.

Os desafios superados demonstram que a grande sabedoria da comunidade e de qualquer sociedade deve-se aos ancestrais e aos mais velhos. Nesse sentido, o objetivo deste conto é mostrar o valor que as pessoas mais velhas possuem na sociedade, algo que é muito recorrente nas culturas africanas tradicionais.

Isso contribui para que os alunos do 7º e/ou 8º ano do ensino fundamental possam compreender a importância da experiência na sociedade e, conseqüentemente, respeitem as pessoas mais velhas, que no ocidente são, no mais das vezes, desrespeitadas devido ao fato de serem excluídas em meio a uma sociedade cada vez mais consumista.

Conto 2 – A história do Rio Limpopo

Possíveis temas: meio ambiente e sabedoria.

Objetivo: respeitar o meio ambiente/ saber escutar/ ser prudente.

Um homem resolve entrar numa floresta inabitada, apesar de as pessoas lhe aconselharem a não fazer isso, pois lá havia um gênio. Porém, a teimosia faz com que esse homem entre nesta floresta e se apodere dela. A partir daí vários fatos acontecem.

A teimosia e o comodismo faz com que ele perca seu bem mais precioso. Desta história trágica surge um famoso rio.

O gênio que aparece no conto é a própria natureza. Sabuniuama ao tentar apoderar-se dela, destruindo-a, cortando as árvores, pedindo que seu filho mate os pássaros, faz com que a natureza se revolte contra ele.

Um dos fundamentos da arte de viver do africano é a “participação” ou a comunhão profunda com a Natureza. Ou seja, o homem integrado a ela. Há uma relação de troca, diferente do ocidental, que de uma maneira geral, quer dominar e transformar a natureza e obter proveito.

Portanto o objetivo desse conto é ensinar que devemos respeitar a natureza e escutar atentamente o que nos dizem as pessoas mais experientes.

³ Gerontocídio: “assassinato em massa de idosos”.

Conto 3– O coração do Baobá

Possíveis temas: tesouro, confiança.

Objetivo: o que temos de mais valioso em nosso coração/ relação de confiança/ somos diferentes.

Uma lebre, depois de um dia cheio de trabalho, volta para casa. E no caminho de volta para casa, encontra um Baobá. O animalzinho, para conseguir alcançar seus objetivos, desafia o Baobá que acaba lhe revelando um grande segredo.

A hiena, que vive sempre a espreita, a tirar proveitos de todas as situações, vai até o Baobá para que este também lhe revele o grande segredo.

A partir da atitude tomada pela hiena, o Baobá não abre mais o seu coração para ninguém.

O Baobá ao revelar seu maior tesouro - o que ele guarda de mais valioso em seu coração- não é valorizado. Esse conto propõe comparar a árvore aos nossos sentimentos. Em verdade, o coração dos homens é semelhante ao desta árvore prodigiosa: cheio de riquezas e benefícios. Porém também, muitas vezes se fecha, por não ser valorizado.

A leitura e análise desse conto contribuem para que os alunos do 7º e/ou 8º ano do ensino fundamental possam falar sobre aquilo que possuem de melhor em seu coração. A partir daí pode-se trabalhar a autoestima e a diversidade. É importante fazer com que os alunos entendam que a diferença vem para somar. Que o que nos torna especiais é que somos diferentes uns dos outros, temos personalidades diversas. Cada um traz um jeito de ser diferente e é a combinação desses elementos que nos torna único. Sendo assim, acredito que todos nós deveríamos olhar para dentro, no nosso mais profundo eu, e procurar o que há de melhor em nós.

Além disso, o conto trabalha com valor moral. A lebre só consegue o tesouro do Baobá porque ela é pura de coração, ela não tem interesse. A hiena, pelo contrário, é interesseira e não tem pureza no coração, só pensa nela.

CONTOS AFRICANOS

Os contos escritos e orais refletem experiências humanas de um determinado povo ao longo dos tempos. Por meio deles, cada povo expressa sua cultura, suas tradições.

GRIOT- GUARDIÕES DA MEMÓRIA



O que é Griot?

É como são chamados, na África, os contadores de histórias. Eles são considerados sábios muito importantes e respeitados na comunidade onde vivem.

Através de suas narrativas, eles passam, de geração em geração, as tradições de seus povos.

Nas aldeias africanas, era costume sentar-se à sombra das árvores ou em volta de uma fogueira para, aí, passar horas e horas a fio, ouvindo histórias do fantástico mundo africano transmitidas por estes velhos Griots.

Edimilson de Almeida Pereira

É importante que a professora e/ou o professor conheça um pouco sobre os griots e sua importância para a manutenção da tradição oral africana. Também que pesquise sobre a importância da **palavra** e dos **contos** para a sociedade africana, em especial, a África do Oeste.

Uma sugestão é buscar vídeos de curta duração com o objetivo de ampliar o conhecimento dos alunos, como, por exemplo:

<https://www.youtube.com/watch?v=4ANPy3As0AE>: Documentário de quase 4 minutos que conta um pouco da história dos griots e sua influência no Brasil.

A partir desse conhecimento, poderão ser introduzidos alguns contos narrados por griots. Como os propostos aqui. Pois “Contar histórias, em muitos lugares da África, faz parte do jeito de educar a criança que, mesmo antes de ir à escola, aprende as histórias de sua comunidade, os acontecimentos passados.” (Vanda Machado).

Na cultura africana a palavra é vida, é ação, é jeito de aprender e ensinar. A tradição de contar e vivenciar histórias são consideradas práticas educacionais que chamam a atenção para princípios e valores, para o autoconhecimento, socialização de saberes e convivência comunitária.

Sabe uma história?
 Não daqui, nem das Américas, nem do Japão, nem da França, nem do Polo Norte!
 Queremos te apresentar contos africanos. Vamos conhecê-los?

CONTO I- DESAFIO AOS JOVENS

História da tradição oral – reconto: Victor Martins ⁴

Num reino antigo, na região da África do Oeste, havia um rei, que era muito rígido. Certo dia, esse rei chama todos os jovens do reino e emite uma ordem para que todos eles voltem para a sua casa e matem os seus pais e os seus avós. Os jovens se entreolharam, abismados, mas foram para as suas casas e fizeram o que o rei ordenara. Nunca se viu tanto derramamento de sangue na região do Mandinga antigo. Porém, um jovem, contrariando a ordem do rei, escondeu o seu avô no porão de sua casa.

No dia seguinte o rei convoca novamente os jovens, lançando-os um novo desafio:

– Amanhã quero que todos vocês comecem a construir um castelo em cima de nada e pendurado por nada. Assim o façam, do contrário todos morrerão.

Os jovens ficaram assustados, e um deles indagou:

– Mas como... um castelo construído em cima do nada, seguro por nada?

Porém o jovem que tinha guardado o avô foi ao encontro do velho.

– Meu avô, o rei lançou-nos um desafio impossível. Ele quer que seja construído um castelo em cima de nada e pendurado por nada.

– Meu neto, fale para o rei desenhar no local onde ele quer construir o castelo, se assim ele o fizer, vocês constroem o castelo.

– Mas meu avô, não tem como desenhar algo em cima de nada.

⁴ Doutorando em História pela PUC-SP. Mestre em História Social na mesma instituição (2012). Graduado em História pela Unesp-Assis (2008). Trabalhou como pesquisador na Cinemateca Brasileira/MinC. Fez parte do quadro de pesquisadores da Casa das Áfricas - SP e do Cecafo-PUC-SP. Atualmente desenvolve doutorado em História Social pela PUC-SP, com ênfase no Patrimônio Histórico Oral africano. Realizou trabalhos de Resgate Histórico no município de Muribeca, junto ao Ministério da Defesa (Projeto Rondon), com pesquisas voltadas à história material local. Desenvolveu trabalho junto à UNESCO. Informações coletadas do Lattes em 14/01/2017.

– Pois bem, diga isso ao rei: onde nada se desenha, nada se constrói; onde nada se firma, então, nada se ergue.

No dia seguinte, os jovens foram convocados diante da presença do rei que perguntou porque eles não tinham começado a construir o castelo.

Seguindo as instruções do avô, o jovem disse ao rei:

– Meu rei, iremos construir o castelo, e muitos outros se assim o quiseres. Porém, devemos saber onde queres que o construamos.

O rei refletiu, pensou consigo, e disse:

– Não tem como, ó jovem, desenhar algo em cima de nada.

– Então, meu rei – respondeu o jovem – não terá como construir o castelo, pois onde nada se desenha, nada se constrói, nada se firma e nada se ergue.

– Tens razão, dessa vez passa, mas amanhã quero vê-los todos aqui, ao meio dia. Quero que todos vocês riem e chorem ao mesmo tempo.

Nesse momento, os jovens já estavam demasiadamente preocupados, porém, o jovem que guardou o avô tranquilizou-os, dizendo-lhes:

– Sosseguem, amanhã terei uma solução para este desafio.

Ao conversar com o avô sobre o segundo desafio, este responde;

– Fácil. Vá até a plantação, pegue o maior número de cebolas que você conseguir. Recorte-as em pedaços, distribua aos seus amigos e quando o rei chegar mastigue-as.

No dia seguinte, o jovem fez o ordenado. Os jovens mastigavam a cebola e choravam, choravam, choravam. Mas quando se entreolharam, uns riem da cara do outro e o rei ria junto. O rei rindo e dando cambalhota de tanto rir, liberou os jovens, não sem antes lançar um novo desafio:

– Quero amanhã aqui, ao meio dia, todos à sombra e ao sol ao mesmo tempo.

A esta altura da história, todos já sabiam que o jovem tinha guardado o avô.

– Meu vô, como é possível estar à sombra e ao sol ao mesmo tempo?

– Jovem, vá lá no arco do rio Níger e peça a maior rede que os pescadores tiverem.

Ao meio dia, quando o rei chegar, você e seus amigos escondam-se debaixo dela. Uma vez que o sol iluminar a rede, a sombra da mesma irá rebater em seus corpos, e daí vocês estarão à sombra e ao sol ao mesmo tempo.

No dia seguinte, os jovens fazem o ordenado, e o rei pergunta:

– Alguém aqui guardou um velho, pois jamais a juventude teria tamanha sabedoria. Que esse jovem se apresente, pois não farei nada contra ele.

O jovem se apresenta e explica que protegeu o avô por respeitar a ancestralidade.

– Que isso sirva de exemplo a todos os jovens– Disse o rei. De agora em diante, esse jovem que protegeu o seu avô será o sucessor do meu reino. Pois uma vez que eu não posso ter filhos, não poderia deixar o meu reino nas mãos de quem não respeita a nossa ancestralidade. Então, desde agora, esse jovem será o meu sucessor quando eu morrer e o seu avô será o conselheiro real do reino.

(História narrada por Toumani Kouyaté, um Djeli da África do Oeste)

Questão 1. Qual foi a proposta feita aos jovens pelo rei?

Questão 2. Qual foi a atitude dos jovens ao saber que deveriam matar seus pais e avós?

Questão 3. Qual foi a lição dada aos jovens?

Questão 4. De acordo com a tradição africana, devemos respeitar os mais velhos. Qual a importância dos anciãos para a sociedade africana?

Questão 5. Vocês acham que a nossa cultura valoriza a experiência dos mais velhos?

Questão 6. Qual a mensagem deste conto africano para nossa vida?

- É importante que a professora e/ou o professor fale da importância dos mais velhos para a sociedade africana. Ao falar de termos como **ancestralidade**, por exemplo, o professor deve ter o cuidado de explicá-los aos alunos.
- O conto “*Desafio aos jovens*” poderá ser transformado em uma peça teatral por parte dos alunos para ser apresentada em um outro momento.
- As perguntas sugeridas aqui são para serem feitas oralmente. O objetivo desse trabalho não é ficar fazendo interpretação de texto **escrito** da história narrada.

CONTO II- HISTÓRIA DO RIO LIMPOPO

História da tradição oral – reconto: Victor Martins

Havia um homem, uma aldeia e uma floresta.

Naquele tempo, havia uma floresta naquela aldeia que ninguém cultivava.

As pessoas nem sequer entravam nela porque diziam que existia um gênio, que era chefe de outros gênios. Esse gênio se chamava Guinaru.

Guinaru vivia nessa floresta, e as pessoas não sabiam, ao certo, se era por causa de Guinaru que ninguém entrava lá.

Um dia, Sabuniuna que vivia há muito tempo nessa aldeia se perguntou: “Porque essa floresta, tão fértil, não é cultivada por ninguém?”.

As pessoas lhe diziam:

– Melhor não tocar nela, porque ela é uma floresta antiga. Não se deve entrar lá.

Sabuniuna respondeu:

– Eu vou entrar na floresta. Se tiver gênios nela, o problema é meu. Eu quero cultivar essa floresta.

As pessoas então disseram:

– Sabuniuna, você é “cabeça dura!”. Se dizem pra você não fazer algo, não faça. Se dizem para parar, pare!

– Não vou parar, não vou parar. Eu vou cortar as árvores – Respondeu Sabuniuna.

As pessoas lhe aconselharam, aconselharam. Falaram de tudo para persuadi-lo. Mas no outro dia, pela manhã, ele tomou a decisão de cortar as árvores para fazer sua plantação. Quando ele chegou na floresta, com seu machado, e deu o primeiro golpe...tuummmmm... Quando se ouviu esse som, apareceu a voz de Guinaru: “Quem vem lá?.

– “Sou eu, Sabuniuna.

– E o que você veio fazer aqui?

– Vim cultivar meu campo. E pra isso preciso cortar as árvores.

– Bom, não precisa se atormentar. Eu vou lhe enviar alguns gênios.

Milhares de gênios apareceram com machados e, em poucos minutos, eles tinham cortado todas as árvores. Ele ficou muito contente. Agradeceu ao Guinaru e voltou para a aldeia. Voltando à aldeia, ele disse:

– Veja só, vocês disseram para eu não cultivar a floresta. Fui lá. Encontrei alguns amigos extraordinários e eles me ajudaram a cortar todas as árvores.

As pessoas da aldeia disseram:

– Sabuniúma, você não escuta. Espere. Um dia você vai ver!

O momento de semear chegou. Quando Sabuniúma foi fazer o primeiro buraco para plantar, Guinaru apareceu: “Quem vem lá?”.

– Sou eu, Sabuniúma.

– E o que você veio fazer aqui?

– Eu vim arar o solo pra plantar.

– Não se preocupe, vou chamar alguns gênios.

Os gênios apareceram aos milhares. Cada um deles fez um buraco na terra e rapidamente plantou o que tinha que ser plantado. Sabuniúma olhou aquilo e ficou muito contente. E pensou: “Realmente as pessoas mentem muito! Encontrei aqui amigos extraordinários. As pessoas levam cem dias para plantar e em poucos minutos, terminei minha plantação”.

As pessoas da aldeia disseram:

– Sabuniúma é melhor você nos escutar. Você não quer nos escutar. Espere e você verá!

Logo o milho cresceu. E bem no momento em que os pássaros vêm se alimentar na plantação, Sabuniúma manda seu filho caçar os pássaros.

– Filho, vai lá espantar os pássaros. E pode caçá-los também.

Chegando lá, ele pegou um estilingue e lançou a pedra. Aí apareceu Guinaru.

– Quem vem lá?

– Sou eu, o filho de Sabuniúma.

– O que você veio fazer aqui?

– Vim caçar os pássaros.

– Não se preocupe! Nós vamos te ajudar.

Milhares de gênios apareceram com seus estilingues e lançaram pedras para todos os lados, e logo todos os pássaros estavam mortos. O filho voltou a casa e disse para o seu pai:

– Realmente, papai, os gênios nos ajudaram. Vamos ter uma belíssima plantação. O milho vai crescer e vamos ter uma boa colheita.

Certo dia, quando não precisava mais espantar os pássaros. Ele pegou uma tigela para moer o milho. Os gênios disseram:

– Quem vem lá?

– Sou eu, o filho de Sabuniama. Vim cortar um pé de milho, moer nessa tigela para poder prepará-lo.

O gênio Guinaru falou:

– Não se preocupe. Nós vamos te ajudar!

Então os gênios apareceram aos milhares e cortaram todos os pés de milho. Quebraram tudo, derrubaram tudo. E a criança voltou para casa...

Sabuniama viu a plantação destruída e bateu no filho. Quando deu a primeira palmada, Guinaru apareceu.

– Quem vem lá?

– Sou eu, Sabuniama.

– O que você está fazendo?

– Estou batendo no meu filho porque ele fez isso com a plantação.

– Não se preocupe. Nós vamos ajudar.

Os gênios vieram. Bateram no menino, bateram no menino, que não aguentou e morreu. Quando Sabuniama viu seu filho morto, começou a chorar, começou a chorar...

Guinaru apareceu.

– Quem vem lá?

– Sou eu, Sabuniama. Estou chorando porque meu filho morreu.

– Não se preocupe, vamos te ajudar!

Os gênios vieram, choraram, e choraram, e choraram... E eram tantas lágrimas que acabou se formando um rio. E o próprio Sabuniama acabou sendo levado por este rio. Depois que ele foi levado, ninguém mais ficou sabendo dele. Mas a floresta continua lá. E hoje o rio que se formou leva o nome de LIMPOPO. É o rio Limpopo que surgiu dessa história.

E é por isso que quando alguém diz para não fazer algo, é melhor deixar como está. Por isso que antigamente se dizia: “Se todo mundo diz pra você largar algo e você não larga, quer dizer que você não carrega brasas nas mãos. Porque se você carregasse, você largaria sem que ninguém lhe ordenasse”.

(História narrada por Toumani Kouyaté, um Djeli da África do Oeste)

Questão 1. Porque as pessoas aconselharam Sabuniúma a não entrar na floresta?

Questão 2. Sabuniúma ao entrar na floresta assume vários riscos. Quais as consequências dos atos impensados de Sabuniúma?

Questão 3. Qual(is) o(s) ensinamento(s) passado(s) por esse conto?

CONTO III- O CORAÇÃO DO BAOBÁ

História da tradição oral – reconto: Celso Sisto

Os baobás povoam a África há muito tempo, e são como muitos corações abraçados: fortes e inabaláveis. Mas também são retorcidos, como as voltas de uma história. E com raízes profundas e algumas cicatrizes...

A lebre, depois de um dia cheio de aventuras para obter comida, vinha voltando para casa de mãos abanando e estômago vazio. Certamente sua esposa reclamaria e falaria durante horas em suas já compridas orelhas. Aliás, vai ver que era bem por isso que suas orelhas eram tão grandes: para suportar melhor as reclamações dos outros! A lebre vinha de cabeça baixa, pois era tarde e o peso de tudo a incomodava. Quando passou por baixo do Baobá, de um que sempre tinha de cruzar, para poder entrar em, sua toca, ouviu as folhas da grande árvore cantando:

Caluê, caluê dendê
Sem boca, cantamos pra você
Caluê, caluê dendê
Sem voz, falamos com você
Caluê caluê dendê
coração sem porta
abre e ninguém vê [...]

A lebre jamais tinha reparado na voz daquele Baobá. Ficou com uma vontade enorme de parar e ouvir, mas assim que se encostou ao tronco da árvore, caiu num sono profundo.

Acordou assustada, sobressaltada, ainda mais atrasada do que nunca... Mas parecia que o tempo tinha parado, pois as folhas da majestosa árvore ainda repetiam a mesma cantoria:

Caluê, caluê dendê
Sem boca, cantamos pra você
Caluê, caluê dendê
Sem voz, falamos com você
Caluê caluê dendê
coração sem porta

abre e ninguém vê [...]

Então a lebre teve uma ideia. E era sua última oportunidade para não chegar de mãos vazias a sua casa:

– Sabe, Seu Baobá? Sua sombra se espalha por um longo terreno, mas bem que seus frutos poderiam fazer o mesmo, não é?

Parece que o Baobá aceitou a provocação da lebre, porque na mesma hora bateu uma rajada de vento e os frutos tombaram aos milhares. A lebre ria de orelha a orelha, enquanto catava o que era possível...

Mas isso ainda não era tudo! Como se não bastasse, o Baobá também ofereceu à lebre o seu coração, cantando:

Caluê, caluê dendê
Sem boca, cantamos pra você
Caluê, caluê dendê
Sem voz, falamos com você
Caluê caluê dendê
coração sem porta
abre e ninguém vê [...]

E como num passe de mágica, o baobá! “shiiiiishiiiiishiiii!” foi abrindo devagarzinho o seu enorme tronco, deixando a lebre ver tudo o que havia por dentro. Um imenso tesouro, de que ninguém suspeitava a existência: pedras preciosas, como o brilho da amizade, tecidos bordados em fios de ouro, como alinha que eleva um coração a outro, colares das mais reluzentes pérolas, polidas como o amor...

Os olhos da lebre se incendiaram diante de tamanha riqueza. Até faltavam-lhe olhos para admirar toda aquela preciosidade. Parecia que o Baobá dizia em seu ouvido:

– Lebre... lebre... leve o que for possível carregar com você... é presente do meu coração!

Em meio ao maravilhamento a lebre se foi, carregando muitos presentes para a sua esposa, o que certamente a deixaria menos raivosa pelo atraso e pela ausência de caça, e... provavelmente, mais vaidosa, pelo brilho que os enfeites iriam irradiar, de agora em diante.

Na mesma hora a esposa da lebre saiu enfeitada da cabeça aos pés, para exhibir-se para a vizinhança. Em seu passeio, encontrou logo a hiena, que encheu os olhos de cobiça... A notícia já se tinha espalhado.

– E então, comadre lebre, onde foi mesmo que seu marido arranjou todo esse tesouro?

– No velho Baobá, querida... – foi logo dizendo a esposa da lebre. E aumentou a história, para parecer também mais importante aos olhos da vizinha. E quanto mais a lebre descrevia a aventura de seu marido, mais a hiena faiscava de inveja!

– Eu também irei até esse Baobá... Pode esperar! Quero só ver o que ele tem para me dar!

Dito e feito. Entre um pôr-do-sol e um amanhecer, lá estava a hiena para tentar a sorte com o Baobá. E tudo se passou exatamente como a lebre havia contado. O Baobá cantou, alargou sua sombra, espalhou seus frutos, abriu seu coração e ofereceu seus tesouros à hiena.

Mas a hiena era mais gananciosa do que o Baobá pensava. Foi pegando tudo e caiu na besteira de levar consigo um enorme embornal, para enchê-lo também de joias. E ainda fez pouco caso quando pensou ter ouvido o Baobá dizer:

– Leve hiena... leve o que for possível carregar com você... é presente do meu coração!

Com seu riso costumeiro, a hiena dizia para si mesma:

– Eu quero isso... e mais isso... eu quero tudo, tudo só para mim... e se eu não puder levar tudo hoje, pode estar certo de que voltarei em breve para dizimar esse Baobá.

De repente, parece que o Baobá pressentiu o perigo! Rapidamente fechou seu tronco e seu coração, e a hiena ficou lá, presa para sempre. E morta!

É por isso que o Baobá não abre mais seu imenso tronco; nem para os homens, nem para os animais. Ninguém sabe dos intermináveis tesouros que há em cada uma dessas enormes árvores.

Mas de uma coisa todo mundo ficou sabendo: desde esse dia, tudo ficou mais difícil para as hienas. Elas se viram, de repente, obrigadas a vagar pelo mundo à procura de carne. Nada do que é vivo serve, pois elas só comem carne morta.

E os baobás continuam desafiando o tempo e os homens. E os homens podem ainda escolher, se querem ser como os baobás ou como as hienas...

Caluê, caluê dendê

Sem boca, cantamos pra você

Caluê, caluê dendê

Sem voz, falamos com você

Caluê caluê dendê

coração sem porta

abre e ninguém vê [...]

MÃE ÁFRICA: MITOS, LENDAS, FÁBULAS E CONTOS.

Autor: Celso Sisto Editora: Paulus, 2007.

Questão 1. Que tesouros o Baobá ofereceu aos seus amigos?

Questão 2. Por que o Baobá ficou tão desapontado com a hiena?

Questão 3. De acordo com a história ouvida, a casca do tronco do Baobá começou a se abrir, lentamente. E a lebre descobriu o que havia lá no fundo da árvore. O que levou o Baobá a mostrar seus segredos?

➤ Professor:

- Falar sobre o que representa o Baobá para os africanos. Por que é considerado a “Árvore da palavra”.

- Após a escuta do conto “O coração do baobá” pedir aos alunos para olharem para dentro de si e pensar na seguinte questão: “Qual é o tesouro que você guarda em seu coração?”, ou “O que você tem de melhor?”.

- Em seguida, deve-se realizar uma roda de conversa em que cada um fale sobre o seu tesouro. Na sequência, cada aluno receberá um coração de papel. Nele, eles devem escrever o tesouro que guardam no coração. Os corações devem ser colados no lugar das folhas do Baobá.



QUEM É TOUMANI KOUYATÉ?

Toumani Kouyaté faz parte de uma linhagem de Djélis – *griots* da África do Oeste. Artista completo, como todos da casta dos djélis, ele canta, dança, toca, conta histórias e é também fotógrafo, professor universitário e organizador de festivais em vários lugares da África, Canadá, Ásia e Europa, entre outros. Vivendo na França, seu trabalho dialoga com o mundo ocidental produzindo uma experiência única de sabedoria e beleza.

4.1. Metodologia

Sugestão de uma sequência didática a ser desenvolvida com turma de sétimo e/ou oitavo ano.

Etapas:

1. Sondagem da África

Nessa etapa, o professor pode fazer perguntas como: O que vem a cabeça de vocês quando ouvem a palavra **ÁFRICA**?

2. Discussão da sondagem

Essa etapa é importante para a desconstrução de estereótipos sobre o continente africano.

3. Apresentação dos contos

Contar história é uma arte popular. Não se deve contar histórias com a finalidade de explicar regras gramaticais ou para dar uma lição de moral, mas pelo prazer de contar e pela possibilidade de praticar as habilidades de interpretação na oralidade.

A forma como se vai trabalhar este conteúdo depende do gosto, estilo, objetivo e sensibilidade do contador, como também da técnica de voz usada por ele, da expressão corporal e conhecimento da história.

Explorando a oralidade:

Para dar início a um trabalho que privilegie a oralidade, sugiro que sejam seguidos os seguintes passos:

1. Contar a história.

A história será contada pelo professor diante da classe, utilizando-se de todas as técnicas de contação de histórias que for do seu conhecimento.

2. Conversando e analisando a história: um primeiro contato com gêneros textuais.

Assim que o professor terminar de contar a história, ele poderá fazer um trabalho de análise literária com os alunos, explicando brevemente o gênero trabalhado (o conto).

3. Etapas seguintes:

- a) Fazer comentários sobre a história contada.
- b) Depois de ter contado a história, falar sobre a África: do seu povo, de sua Cultura a fim de estimular a curiosidade e fascínio por este continente.
- c) Comentar que nas comunidades africanas os contadores de histórias são considerados sábios. Os griots, como são chamados, são muito respeitados.
- d) Comentar que os mais velhos mantem o costume de sentar-se em embaixo do Baobá para debaterem sobre assuntos importantes onde também tomam grandes decisões. Não é por acaso que essa árvore multiplamente milenar, é chamada ÁRVORE DA PALAVRA.
- e) Mostrar fotos dos griots e tecer comentários sobre eles.

4. Exercícios técnicos para iniciar uma contação de histórias.

Trabalhar com os alunos algumas técnicas de contação de histórias como: expressão facial e corporal, tom de voz...

5. Recontando parte da história pelos alunos.

Ao término das explicações, pedir aos alunos que recontem partes da mesma história, observando a sua sequência e utilizando as técnicas trabalhadas.

NOTA: Como parte do material didático, tenho dois áudios gravados com dois contos.

Áudio 1: O rio Limpopo, narrado por Rosana Corino

Áudio 2: O coração do baobá, narrado por Rosana Corino

5 Considerações finais

Os três contos descritos acima são contos que foram narrados por Toumani Koyaté, um griot da África do Oeste, ao meu orientador, professor Victor Martins. Esses contos são ricas fontes de conhecimento, uma vez que são permeados de valores morais e podem auxiliar no diálogo com os alunos.

Segundo a Superintendente de Igualdade Racial, Ignez Teixeira, Muitas crianças/jovens passam por algum tipo de discriminação, sentem-se inferiorizadas e acabam negando a sua identidade cultural.

Trabalhar com esses contos poderá ajudá-los a aprender a respeitar e ter orgulho da sua história. Através dos contos africanos, valores como respeitar os mais velhos e cuidar do meio ambiente poderão ser ensinados.

Na África do Oeste, o conto é visto como o espelho da sociedade, por isso funciona como um instrumento de transmissão, de ensinamento, de conselho, de educação, de encontro e de troca. Tudo isso coroado pela música e uma didática específica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONACCI, Maria Antonieta. História e pedagogia e “Lógica oral”. **Projeto História**. São Paulo, SP, n 56, p 281-313, maio /ago. 2016.

BÂ, Hampaté Amadou. A tradição viva. In: Ki-Zerbo, Joseph. **História Geral da África – Metodologia e Pré-História da África**. Brasília: Unesco, 2010. p.167-212

BARBOSA, Muryatan Santana. Eurocentrismo, História e História da África. In: Sankofa. **Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, São Paulo, n 1, 2008.

BARRY, Boubacar. Reflexões sobre os discursos históricos das tradições orais em Senegâmbia. **Senegâmbia: O desafio da História Regional**. Amsterdam/Rio de Janeiro: SEPHIS/CEAA, 2000, p. 5-34.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. São Paulo, Brasiliense, 1986.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n. 10639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 3 out. 2015.

———. Ministério da Educação/Secad. 2004 **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>>. Acesso em: 6 dez. de 2015.

COPPENS, Y. A hominização: problemas gerais – Parte I. In: Ki-Zerbo, Joseph. **História Geral da África – Metodologia e Pré-História da África**. Brasília: Vol. I Unesco, 2010. p.447-470.

DIARRA, S. Geografia Histórica: aspectos físicos. In: Ki-Zerbo, Joseph **História Geral da África - Metodologia e Pré-História da África**. Vol. I. Brasília: Unesco, 2010, p. 345-366.

FANON, Frantz. **Pele negra. Máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Ed. Fator , 1983.

GREENBERG, J. H. Classificação das línguas. In: Ki-Zerbo, Joseph. **História Geral da África - Metodologia e Pré-História da África**. Vol. I. Brasília: Unesco, 2010, p. 317-336.

HOMENAGEM ao ator Sotigui Kouyatê. **Entrevista com Toumani Kouyatê**. TV Brasil: Arte do Artista. 26'28''. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UnyXNggofdE&t=38s>>. Acesso em 15 nov. 2016.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 25 dez. 2016.

KABENGELE, Munanga, organizador. **Superando o Racismo na escola**. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

KI-ZERBO, Joseph & HAMA, Boubou. O lugar da História na sociedade africana. **História Geral da África - Metodologia e Pré-História da África**. Vol. I. Brasília:Unesco, 2010, p. 23-36.

KOYATE, TOUMANY. O Corpo Como Palavra. Trad. Victor Martins. Brasil: 2009.

LIMA, Heloisa Pires; HERNANDEZ, Leila Leite. **Toques do griô**: memórias sobre contadores de histórias africanos. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

LIMA, Mônica. História da África .In: **Cadernos PENESB**: Revista do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira, Niterói, n 12, p. 23–68, 2010. Disponível em: <http://www.uff.br/penesb/images/publicacoes/LIVRO%20PENESB%2012.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2016.

_____. Fazendo soar os tambores: o ensino de História da África e dos africanos no Brasil. **Cadernos PENESB**, n.04, 2004.

PEREIRA, José Maria Nunes. África um novo olhar. In: **Cadernos CEAP**. Rio de Janeiro, 2006.

LOPES, Carlos. A pirâmide invertida. Historiografia africana feita por africanos. In: **Actas do Colóquio Construção e Ensino da História da África**. Lisboa: Linopazes, 1995.

NIANE, Djibril Tamsir. O Mali e a segunda expansão manden, em **História Geral da África IV**. África do século XII ao XVI. Organizado por Djibril Tamsir Niane. 2ª ed., São Paulo, Ed. Ática/UNESCO, 2010, p. 133-192.

NKAMA, Ofogo Boniface. A arte de contar histórias na África: entre o mito, a ponte e a realidade. A formação do contador de histórias na África. In: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (Org). **A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. São Paulo Cortez, 2012, p.247-267.

_____ **Sundjata ou a epopeia mandinga**. São Paulo: Ática, 1982. (Coleção de autores africanos, 15).

PEREIRA, Junia Sales. Diálogos sobre o Exercício da Docência recepção das leis 10.639/03 e 11.645/08. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n 1, 2011.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio.” In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

SERRANO, Carlos. WALDMAN, Maurício. **Mémoria d’África: a temática africana em sala de aula**. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

SISTO, Celso. O griô que eu não sou e as histórias africanas que me enredam. As histórias africanas: uma herança viva. In: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (Org) **A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. São Paulo Cortez, 2012, p. 269-291.

SOTIGUI Kouyatê: um griot no Brasil. Direção: Alexandre Handfest. Produção SESC TV: São Paulo – SP, 2006. 57:09 mim. Son, Color, Formato: 16 mm. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=sJd1te_3pJI>. Acesso em Acesso em 15 nov. 2016.

SOUZA, Mônica Lima. Para que serve a história da África? **Revista História Viva**. São Paulo: Duetto Editorial, nº123, 2014.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia, In: Ki-Zerbo, Joseph. **História Geral da África – Metodologia e Pré-História da África**. Brasília: Unesco, 2010, p.139-166.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA ÁFRICA

Shirlei Gonçalves Corino

PORTFÓLIO

Juiz de Fora – MG
2016

SHIRLEI GONÇALVES CORINO

PORTFÓLIO

Trabalho apresentado como requisito para a aprovação na disciplina de Seminário, ministrada pela Prof.^a Me. Daiana Lucas Vieira, no curso de Especialização em História da África, oferecido pela Universidade Federal de Juiz de Fora

I- Introdução

O presente portfólio tem como objetivo fazer uma reflexão sobre mim e o meu processo de aprendizagem no curso de pós-graduação *Latu Sensu* em História da África.

Na primeira parte, intitulada *Histórias de vida e memória*, farei um relato da minha trajetória escolar e dos ensinamentos que de uma forma tocaram na temática africana, e que me fizeram ter o interesse em cursar esta pós-graduação.

Na segunda parte, intitulada *Repensando a aprendizagem: leituras críticas a partir da práxis*, falarei sobre o que tenho colocado em prática em sala de aula, a partir das aulas ministradas pelos professores e das leituras realizadas no curso *História da África*.

Na terceira parte, intitulada *Práticas pedagógicas, intervenções e ações socioeducativas*, apresentarei minha intervenção pedagógica voltada para o ensino da tradição oral do povo africano, a partir de contos/lendas africanas.

Por fim, nas *Considerações finais*, apresentarei um balanço sobre o resultado até então obtido por mim, tanto em termos profissionais, quanto em termos pessoais.

II. Histórias de vida e memória

Eu, Shirlei Gonçalves Corino, nasci em uma cidade pequena e tradicional. Vim de uma família humilde. Meus pais só estudaram até a quarta série do ensino fundamental. Sempre lutaram muito para dar estudo a meus irmãos e a mim. Morávamos na zona rural, meu pai era lavrador e minha mãe, dona de casa. Tudo era muito difícil naquele tempo. Tínhamos que andar a pé 45 minutos até chegar à escola mais próxima.

Iniciei meus estudos aos sete anos de idade, pois era muito apegada à minha mãe e não conseguia ficar na escola. No início, não foi fácil acompanhar a série porque eu não sabia ler e nem escrever absolutamente nada. Minha professora, sabendo das minhas dificuldades, sempre se colocou à disposição para que eu pudesse acompanhar o desenvolvimento da turma.

No segundo ano, eu conseguia responder a algumas atividades, já lia algumas palavras e isso me deixou muito contente. A professora do segundo ano ficou surpresa com meu rápido desenvolvimento.

Estudei até o quinto ano na mesma escola. Foi um período muito bom. Tinha muitos amigos. Não havia distinção econômica ou racial entre nós. Éramos crianças! Só queríamos brincar. Todas as tardes eu pegava minhas bonecas e dava aula para elas e para algumas coleguinhas minhas.

Quando eu tinha 11 anos, meus pais se mudaram para a cidade. A mudança de escola foi muito tranquila. Era tudo muito novo, mas rapidamente me inseri naquele novo contexto, fiz novas amizades.

Sempre gostei de ler e o que mais me marcou no sexto ano foi ler livros da Série *Vagalume*. Eram livros muito interessantes e cada vez lia mais para descobrir o desfecho das histórias. Lembro que o primeiro que li foi “*A ilha perdida*”. Nos outros anos a leitura continuou e foi complementada com interpretações de textos na frente da sala para trabalhar o falar em público e o combate à timidez. Uma experiência não muito agradável para mim. Muito tímida, sempre faltava às apresentações orais, mas mesmo assim recebia a nota máxima, talvez por tirar notas boas.

No segundo grau, gostava muito das aulas de literatura e matemática. Lembro-me com carinho da professora de matemática, Dorinha. Ela sempre me elogiava e falava para os meninos das outras turmas estudarem comigo. Foi assim que comecei a dar aula particular de matemática.

Sempre estudei com meninos negros e meninos de outras classes sociais, porém não havia ou eu não percebia diferença no tratamento. Todos eram amigos. Pouco se falava sobre o continente africano nas aulas de História. Eram sempre relacionados ao tema 'escravidão'. E mesmo a escravidão era abordada sob uma perspectiva eurocêntrica, ou seja, do ponto de vista do colonizador, que ignora um item elementar: a diversidade étnica daquele povo. Ninguém explicava que os escravos do Brasil possuíam as mais diversas origens, dialetos, valores, crenças e hábitos. Pelo contrário, eles sempre eram rotulados como uma coisa só: negros africanos, serviçais dos brancos.

Recordo com saudosismo o período escolar, principalmente pelos mestres que me ajudaram a gerenciar meus pensamentos e competências, a fim de que novos passos fossem galgados na senda do conhecimento. Minha admiração pelos professores sempre foi muito grande, talvez isso tenha contribuído para minha escolha profissional.

Terminado o ensino médio, prestei vestibular para Letras. Passei. Para meus pais foi um motivo de muito orgulho. Até então, ninguém da família tinha feito curso superior.

Na faculdade me dei conta de como o racismo está presente na nossa sociedade. Percebia a diferença no tratamento dos alunos cotistas negros. Na minha sala, a aluna cotista era excluída, ninguém queria fazer trabalho com ela. Quando ela puxava conversa, não davam atenção.

Anos mais tarde, me tornei revisora da DIRCOM, antiga diretoria da Comunicação, na qual os alunos da comunicação escreviam textos para o site da UFJF. Um desses alunos havia entrado através das cotas para negros. Tinha muita dificuldade na escrita e na elaboração de textos. Fui dando dicas para ele e nos tornamos amigos. Conversávamos muito e um dia ele fez um relato de sua experiência na Faculdade de Comunicação. Disse-me que era discriminado, que era alvo frequente de bullying por parte dos colegas. Que chegou a ponto de querer explodir uma bomba na sala de aula em que estudava. Sua mãe procurou ajuda e ele fez terapia. Lembro-me que era muito inseguro. Na faculdade eu percebi as diferenças que eu não vira durante o ensino fundamental e médio. Isso mexeu muito comigo.

Quando comecei a lecionar, algumas das minhas preocupações foram: como contribuir para o empoderamento de alunos que sofrem constantemente com o racismo, o que fazer para que estes adquiram confiança em si, e como contribuir para que os alunos convivam bem com as diferenças. Por isso me inscrevi na pós-graduação e fiquei muito feliz ao ser selecionada. O curso está sendo uma oportunidade de conhecer mais sobre o continente africano, desmistificar certos pensamentos e desenvolver práticas que privilegiem a valorização das diferenças culturais.

III. Repensando a aprendizagem: leituras críticas a partir da práxis

No início do segundo semestre de 2015, a escola estadual em que eu lecionava trabalhou o tema *África, o berço da humanidade*. Fiquei encarregada de desenvolver o tema com os alunos do 6º ano. Inicialmente foi muito difícil, pois eu não tinha ideia com o que trabalhar e de como trabalhar. Além disso, deveriam ser formados vários grupos com assuntos diferentes. Pedi ajuda a alguns professores de História. Um deles me sugeriu trabalhar a história de Chico Rei, um escravo vindo da África para o Brasil, um personagem lendário da tradição oral de Minas Gerais. Um grupo de alunos ficou responsável por pesquisar a vida de Chico Rei. Essa pesquisa mais tarde se tornaria uma história em quadrinhos.

Um segundo grupo ficou responsável por trabalhar o Egito e a figura das Candaces. Durante esse processo, descobri que Egito ficava na África. Percebi que teria que me especializar, pois não tinha conhecimento do assunto. Não era somente os alunos que precisavam conhecer o continente africano, eu também.

Um terceiro grupo ficou responsável pelo tema: “A influência da culinária africana na culinária brasileira”. Esse assunto teve desdobramentos culminando na religião. Pouco conhecedora do assunto, tive muita dificuldade em trabalhar um tema tão complexo.

Finalmente, um quarto grupo ficou responsável por trazer alguns elementos da cultura africana, como penteados, danças, vestuários, dentre outros.

Abaixo, apresento algumas imagens dos trabalhos realizados pelos alunos.



APRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS- Chico Rei



APRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA DAS CANDACES



A INFLUÊNCIA DA CULINÁRIA AFRICANA NA CULINÁRIA BRASILEIRA



APRESENTAÇÃO DE MÚSICA E DANÇA SOBRE O CONTINENTE AFRICANO

Os alunos se envolveram com o projeto, porém foi um momento isolado onde se trabalhou o continente africano. Hoje, com a Especialização, eu trataria o tema de outra forma. Não faria somente um recorte do tema, mas o aprofundaria mais, trabalhando certos estereótipos que ainda cercam a história e o presente dos negros, trataria de assuntos importantes para a desconstrução de preconceitos, por exemplo.

Esse projeto desenvolvido na escola foi um momento importante, pois através dele, cresceu em mim o desejo de saber mais sobre o continente africano. Possuo pouquíssimo embasamento teórico. O curso está sendo uma oportunidade de conhecer mais sobre a África, de desmistificar certos pensamentos e de desenvolver práticas que privilegiem a valorização das diferenças culturais. Apesar de ainda estar “meio perdida”, pois há muito que aprender, tenho tentado colocar em prática o que nos é passado no curso.

O curso tem me ajudado a entender certas questões com que eu me deparo tanto em sala de aula quanto no dia a dia. Em sala de aula, saber como lidar quando um aluno sofre preconceito racial, quando se sente diminuído por questões ligadas a raça; no dia a dia saber lidar com familiares, amigos, reflexo de uma sociedade racista.

Espero com o conhecimento adquirido e com o que ainda vou adquirir oportunizar aos alunos um pensar em relação às ações do seu cotidiano, evidenciando a discussão da temática étnico-racial, levando estes mesmos alunos a se verem como sujeitos históricos, pertencentes a determinados grupos.

A especialização em História da África tem sido uma grande oportunidade de repensar minha prática escolar. Por outro lado, tem sido bastante desafiador. O início do curso não foi fácil. Não entendia a linguagem utilizada pelos professores, por não fazer parte do meu universo de conhecimento. Termos como “diáspora africana”, “pan-africanismo” eram

desconhecidos por mim. Outra dificuldade no início foi interiorizar África como continente e não como país. Minha amiga de curso, Elaine, me deu um mapa. Passei a tê-lo sempre comigo nas aulas. Hoje, fico bastante feliz por saber onde ficam diversas regiões nesse imenso continente.

Mapa que ganhei de minha amiga, Elaine



Tenho adquirido bastante conhecimento com excelentes professores que ministram e ministraram as aulas desse curso. A cada dia aprendo algo diferente. Abaixo, relatarei algumas dessas aulas.

Na aula “Imaginário Europeu em relação à África”, ministrada pela professora Ana Mônica Henriques Lopes, aprendi sobre geopolítica, diversidade climática, expansão marítima. Não sabia que o continente africano possuía tantos países.

Na aula “Raça, racionalismo e racismo”, ministrada pelo professor Marcos Dias Coelho, aprendi sobre os conceitos raça, racismo. Discutimos como trabalhar o racismo em sala de aula.

Na aula “Africanismos e Afrocentrismos” ministrada pela professora Fernanda, estudamos o movimento pan africanismo, o africanismo. Fiquei conhecendo a região Magreb, sua localização, os países que fazem parte dessa região.



Porém, como professora de Língua Portuguesa e apaixonada por literatura, as aulas que me mais me encantaram foram as da professora Perses que falou sobre suas práticas pedagógicas e de diversos contos para se trabalhar em sala de aula. Suas sugestões de leitura para trabalhar diversos temas foram muito enriquecedoras. A aula do Professor Edmilson sobre oralidade foi muito interessante. A partir dessa aula trabalhei lendas indígenas e africanas com meus alunos do 7º ano.

Outra aula que me encantou foi a aula da professora Patrícia Santos. Ela falou sobre a importância das fontes missionárias para a compreensão do funcionamento do Estado colonial e das sociedades africanas pós-colonialismo; como foi a chegada dos missionários no continente africano; como os missionários trazem elementos da vida africana para o catolicismo. A dinâmica realizada por ela foi bastante esclarecedora. Através dela, podemos perceber o papel das conversões religiosas em alguns países africanos.

Com a especialização passei a refletir sobre certas práticas pedagógicas que devem ser evitadas como: não reproduzir leituras e discussões estereotipadas sobre o negro e sua cultura; não trabalhar somente figuras como o Zumbi, mas também levar temas que desmistificam a figura do negro como ser que não ascende, que não ocupa cargos importantes; não abordar a história dos negros a partir da escravidão, etc.

Penso que esta especialização é só “uma porta de entrada” para outros conhecimentos que quero adquirir sobre o continente. O curso me despertou o interesse em conhecer sobre as religiões de matriz africana.

IV. Práticas pedagógicas, intervenções e ações socioeducativas

“A história da África, como a de toda a humanidade, é história de uma tomada de consciência.” (Ki Zerbo)⁵

Segundo o historiador Ki Zerbo, a África tem uma história que precisa ser reescrita, pois até o momento ela foi camuflada, mascarada, desfigurada e mutilada. A imagem do africano na nossa sociedade é a do selvagem acorrentado à miséria. Imagem construída pela insistência e persistência das representações africanas como a terra dos animais selvagens, das doenças e dos escravos.

Precisamos voltar nossos olhares para a África, pela sua relevância incontestável como palco das ações humanas e pelas profundas relações que guardamos com esse continente. Kabengele Munanga⁶ afirma que: *“Para qualquer pessoa se afirmar como ser humano ela tem de conhecer um pouco da sua identidade, das suas origens, da sua história”*.

Por isso é importante, enquanto educadores, levarmos a história desse continente para a sala de aula, não somente no dia 20 de novembro, como ocorre em grande parte das escolas. Para isso, é imprescindível que haja mudança nos currículos escolares e um planejamento pedagógico, não somente no início do ano, mas durante todo o ano. Na escola em que leciono, por exemplo, as coordenadoras pediram, no final de julho, que desenvolvêssemos o tema. Porém, já estamos em setembro e mais nada foi falado. Tenho conversando com alguns professores, mas ainda não percebi interesse por parte deles. Muitos dizem que falta tempo para conversarmos sobre o assunto.

A escola tem que se preparar pedagogicamente para trabalhar a temática africana. Percebo que a lei 10.639/03 ainda não está sendo estudada e analisada por todos os educadores. Falta envolvimento. Por isso é necessário que mais professores se especializem nesse tema, para não ser desenvolvido um trabalho solitário de apenas alguns ou um professor

Além da falta de envolvimento, muitos professores, como eu, que não são da História, conhecem pouco sobre esse continente. E o que conhecemos sobre a África, na

⁵ KI-ZERBO, Joseph. Um continente descobre o seu passado. **O conelho da Unesco**. Rio de Janeiro, n° 10/11, página 7. 1979.

⁶ Kabengele Munanga. Possui Graduação em Antropologia Cultural pela Université Officielle Du Congo à Lubumbashi (1969) e Doutorado em Ciências Sociais (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo (1977). Atualmente é Professor Titular da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia das Populações Afro-Brasileiras, atuando principalmente nos seguintes temas: racismo, identidade, identidade negra, África e Brasil. Currículo atualizado em 25/04/2016.

maioria das vezes, vem impregnado de preconceitos que foram e ainda são perpetuados pela escola. Além disso, há também o fato de as escolas não possuírem material didático necessário que tratam do assunto. Por isso, é muito importante que nós professores tenhamos uma formação continuada.

Geralmente os livros didáticos e a própria história nos mostram somente o lado de sacrifícios do negro, deixando de lado a sua cultura e origens, onde são nossas próprias origens. Apesar de sabermos da aprovação da lei 10.639/03, muito ainda tem que ser feito. Não podemos e nem devemos estudar o continente africano apenas por obrigação porque a grade curricular cobra, devemos estudá-lo para conhecermos a outra África, não aquela África contada e vista pelos olhos dos europeus, precisamos conhecer para podermos voltar ao passado, contar histórias, buscar essa origem, que é origem de todos nós. Fazendo com que nossos educando sintam importante perante essa cultura tão riquíssima.

Tenho tentando colocar em prática aquilo que foi ensinado na pós-graduação. Comecei a desenvolver meu projeto que será entregue no final do curso. Foi um trabalho realizado com uma turma do 7º ano. A turma em questão já havia estudado, nas aulas de História, alguns aspectos do continente africano, como o preconceito e a ignorância sobre a África, o papel dos griots, o islamismo, os impérios do Mali e o império Songhai. A turma em questão apresenta facilidade para a aprendizagem de conteúdos das disciplinas estudadas. Por conta disso, não tive muitas dificuldades em trabalhar com essa intervenção.

Iniciei as aulas apresentando algumas imagens do continente africano (VER SEQUÊNCIA DIDÁTICA, PÁGINAS 16 a 22). Perguntei aos alunos se eles conseguiam identificar de que região eram essas imagens. A única imagem que alguns alunos associaram a África foi justamente o que mostra uma selva com girafas e elefantes. Por último, apresentei o mapa abaixo:



A partir da apresentação do mapa, pedi aos alunos que relatassem o que sabiam sobre a África. Eles conheciam a África que nos é apresentada sempre: fome, guerra, doenças, safari.

Foi pedido para a próxima aula que eles pesquisassem sobre os seis países africanos que têm como língua oficial a Língua Portuguesa. Na aula seguinte, houve apresentação de alguns aspectos desses países.

Na aula seguinte, iniciei a aula com a leitura de uma lenda africana cujo título é “*A árvore de cabeça para baixo*” que conta a história do *Baobá*, árvore considerada símbolo da luta dos negros no Brasil. Falei da tradição oral dos africanos, da figura do Griot nas sociedades africanas. Perguntei se na nossa sociedade tínhamos alguém que desenvolvia o mesmo papel dos Griots. Comentei sobre o sentido e a força da palavra para nós brasileiros e para o povo africano. Apresentei o gênero lendas/contos.

Para a próxima aula, pedi que os alunos, em grupo de três, trouxessem uma lenda africana e contassem para a turma. Além de ilustrar essa lenda. Mais tarde, foi feito um painel com essas lendas e com as ilustrações produzidas pelos alunos.

O objetivo dessa sequência didática apresentada por mim foi oportunizar aos alunos conhecerem as lendas africanas, a tradição oral desses povos, a figura dos griots e a desmitificar a imagem negativa que está permeada em nosso imaginário onde vemos a África como um continente onde existe apenas pobreza, doenças, selvas, e na verdade, é um continente riquíssimo com diversos países, cada qual com suas características e muitos até bem desenvolvidos. Procurei com essa aula desconstruir algumas imagens:

1. A África não é uma selva.
2. A miséria e a fome não são problemas exclusivamente africanos.
3. As populações Africanas não são isoladas e perdidas na selva.
4. Falar de África não é somente falar dos escravos.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

AULA 1, 2, 3, 4, 5 e 6

I. IDENTIFICAÇÃO:

COMPONENTE CURRICULAR: **LÍNGUA PORTUGUESA**

TEMA: **LÍNGUAGEM ORAL**

NÍVEL DE ENSINO: **ENSINO FUNDAMENTAL (7º e 8º ano)**

Nº DE AULAS: **6 AULAS** (50 minutos cada)

II. OBJETIVOS:

- Desenvolver a oralidade;
- Conhecer um pouco mais sobre a cultura africana;
- Desmitificar a imagem negativa do continente africano que está permeada em nosso imaginário;
- Conhecer os países africanos de Língua Portuguesa.

III. ATIVIDADES PREVISTAS:

- Verificar o conhecimento prévio dos alunos em relação ao continente africano;
- Verificar o conhecimento prévio dos alunos em relação aos seis países falantes de Língua Portuguesa.

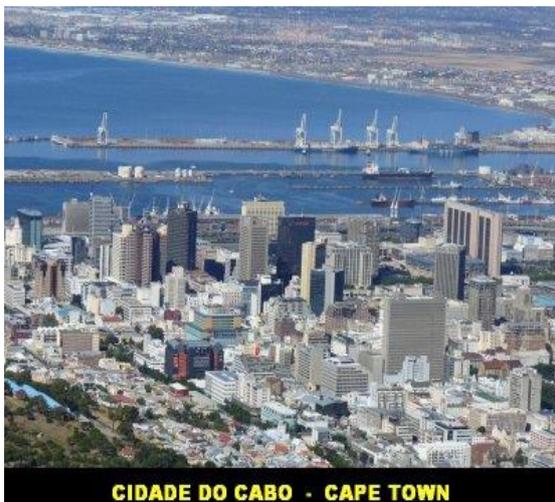
IV. ESTRATÉGIAS E RECURSOS PREVISTOS:

Primeira etapa:

- Apresentar aos alunos algumas imagens antes de introduzir o assunto que será tratado nas próximas aulas.



Cidade do Cabo



Luanda, Angola



Costa do Marfim

- Apresentar as imagens e perguntar aos alunos se eles conseguem identificar de que região são essas imagens. Por último, apresentar o mapa abaixo:



- A partir da apresentação do mapa, explicar aos alunos que eles conhecerão um pouquinho da África. Para que eles se envolvam diretamente com o assunto estudado, propor-lhes uma pesquisa na internet em que possam localizar e enumerar os países africanos de Língua Portuguesa, bem como procurar imagens significativas desse vasto continente. Chamar atenção para o fato de o continente africano ser marcado pelas condições de miséria que vive parte de sua população. Mas também, mostrar um outro lado da África, rica pela diversidade cultural, pelas belezas naturais e por uma marcante produção literária.
- Após a identificação pelos alunos dos países africanos de Língua Portuguesa, enumerar esses países na lousa. Explicar-lhes que a primeira parte do trabalho se deterá em conhecer um pouco desses seis países, pois trata-se de países que possuem como língua oficial, o português.

Segunda etapa:

- Dividir a classe em seis grupos, cada equipe deve ficar responsável pela pesquisa e apresentação de um país, seguindo o roteiro abaixo:

Países:

Angola

Cabo Verde

Guiné-Bissau

Guiné Equatorial

Moçambique

São Tomé e Príncipe

Roteiro para pesquisa:

Localização:

Principais atividades econômicas:

Composição étnica:

Outras línguas:

Principal religião:

Costumes;

Atividades culturais (dança, música, literatura).

Terceira etapa:

- Após conhecer um pouquinho sobre o continente africano, sobre os países que possuem como língua oficial o português, os alunos deverão apresentar o que descobriram sobre o país pesquisado.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

AULA 7 e 8

I. IDENTIFICAÇÃO:

COMPONENTE CURRICULAR: **LÍNGUA PORTUGUESA**

TEMA: **LÍNGUAGEM ORAL/ CONTOS E LENDAS AFRICANAS**

NÍVEL DE ENSINO: **ENSINO FUNDAMENTAL**

Nº DE AULAS: **2 AULAS** (50 minutos cada)

II. OBJETIVOS:

- Adquirir conhecimento básico sobre contos e lendas africanas;
- Ler e conhecer contos e lendas africanas;
- Recontar oralmente e por escrito contos e lendas africanas.

III. ATIVIDADES PREVISTAS:

- Distribuir para os alunos cópia da lenda do baobá;
- Após a leitura, chamar a atenção dos alunos para o fato de que as lendas foram criadas há muitos e muitos anos justamente com o objetivo de responder ou justificar algumas questões que a ciência ainda não tinha conseguido provar. Por isso, muitas histórias são passadas de geração a geração como verdades inquestionáveis, fazendo parte da cultura de um povo;
- Apresentar as principais características dos contos e das lendas;
- Falar sobre oralidade e sua importância;
- Solicitar que os alunos façam um reconto por escrito da história lida e, em seguida, aqueles que desejarem poderão apresentar para a classe.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

AULA 9 e 10

I. IDENTIFICAÇÃO:

COMPONENTE CURRICULAR: **LÍNGUA PORTUGUESA**

TEMA: **LÍNGUAGEM ORAL / GRIOTS**

NÍVEL DE ENSINO: **ENSINO FUNDAMENTAL**

Nº DE AULAS: **2 AULAS** (50 minutos cada)

II. OBJETIVOS:

- Compreender a importância da tradição oral nas sociedades africanas;
- Apresentar os Griots e sua importância como guardiões da memória histórica;

III. ATIVIDADES PREVISTAS:

- Passar o documentário: Sotigui Kouyaté: um griot no Brasil.

IV. ESTRATÉGIAS E RECURSOS PREVISTOS:

- Passar o documentário;
- Refletir sobre a falta de um profissional equivalente no Brasil (Quem cuida de nossas memórias? Como são registradas nossas memórias?)

V. Considerações finais

Como já foi dito anteriormente, o curso tem me ajudado a entender certas questões com que eu me deparo tanto em sala de aula quanto no dia a dia. Em sala de aula, saber como lidar quando um aluno sofre preconceito racial, quando se sente diminuído por questões ligadas a raça; no dia a dia saber lidar com familiares, amigos, reflexo de uma sociedade racista.

Espero com o conhecimento adquirido e com o que ainda vou adquirir oportunizar aos alunos um pensar em relação às ações do seu cotidiano, evidenciando a discussão da temática étnico-racial, levando estes mesmos alunos a se verem como sujeitos históricos, pertencentes a determinados grupos.

A especialização em História da África foi uma grande oportunidade de repensar minha prática escolar. Por outro lado, foi bastante desafiador. No início do curso, em muitas ocasiões, não entendi a linguagem utilizada pelos professores, por não fazer parte do meu universo de conhecimento. Mas com o decorrer do curso, muitos termos até então desconhecidos começaram a fazer sentido e fazer parte do meu campo de conhecimento.

Apesar de já ter colocado em prática a minha intervenção pedagógica com uma turma do 7º ano, de uma escola estadual de Juiz de Fora, espero com as orientações do professor Victor, melhorar alguns pontos dessa intervenção já realizada.

O portfólio foi importantíssimo para uma reflexão sobre minhas práticas pedagógicas, sobre o curso de pós-graduação e sobre minha responsabilidade em trabalhar a temática, procurando desenvolver nos alunos a autoestima, bem como estimular a reflexão sobre o pluralismo étnico de nossa sociedade.

Sei que tenho muito que aprender, mas com a especialização encontrei muitas respostas para vários questionamentos de minha prática escolar e também pessoal.

VI. Referências bibliográficas

BRASIL. Presidência da República. **Lei n. 10639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 3 out. 2015.

———. Ministério da Educação/Secad. 2004 **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>>. Acesso em: 6 dez. de 2015.

KABENGELE, Munanga, organizador. **Superando o Racismo na escola**. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

KI-ZERBO, Joseph. Um continente descobre o seu passado. **O concelho da Unesco**. Rio de Janeiro, nº 10/11, 1979.

KI-ZERBO, Joseph & HAMA, Boubou. O lugar da História na sociedade africana. **História Geral da África - Metodologia e Pré-História da África**. Vol. I. Brasília:Unesco, 2010, p. 23-36.

LIMA, Heloisa Pires; HERNANDEZ, Leila Leite. **Toques do griô: memórias sobre contadores de histórias africanos**. São Paulo: Melhoramentos, 2010.